



A cosmovisão cristã tem como papel, além de nos formar em uma sólida visão de mundo moldada pelas Escrituras, nos permitir lidar com temas complexos e sensíveis por meio das Sagradas Escrituras. Estamos agora em um segundo passo para compreender a sensível questão da relação entre pessoas do mesmo gênero. Para poder situar este tema

dentro de uma cosmovisão cristã, fizemos primeiro uma análise histórica, agora vamos elencar os argumentos da militância atual, em seguida vamos aos textos bíblicos pertinentes e por fim realizar considerações para nortear a reflexão cristã.

No dia 28 de junho de 1969 policiais realizaram uma batida em um bar frequentado voltado para o público homossexual, o Stonewall, em Nova York. Neste instante os presente, revoltados com a perseguição e discriminação, voltaram-se contra os policiais, trancaram o recinto e atearam fogo no mesmo. Iniciou então uma batalha que duraria toda a noite e daria início a uma série de protestos e convulsões sociais envolvendo a luta pelos direitos homossexuais. Este dia ficou marcado na agenda homossexual, vindo a se tornar o Dia do Orgulho Gay.<sup>1</sup>

Este evento é apenas um dos momentos marcantes da militância homossexual que tem se intensificado desde a segunda metade do século XX. A militância homossexual se alinhou com outros grupos chamados de minorias militantes, como os negros e as mulheres, para buscar seus direitos juntos aos órgãos governamentais e juntos aos aparelhos jurídicos de diversos países, em sua maior parte na Europa e nas Américas. A luta resultou em grandes vitórias para o movimento, dentre eles os frutos das contribuições de vários pesquisadores na área de biologia, psicologia e psiquiatria que conseguiram mudar o parecer da OMS, que retirou o homossexualismo da lista de doenças psiquiátricas e começou a utilizar o termo homossexualidade, significando não mais uma patologia mas uma forma de ser.<sup>2</sup>

A militância buscou em sua maior parte ação para situações concretas de discriminação, aprovação e regulamentação da lei das uniões de fato, alargamento da proteção jurídica, equalização das idades de consentimento<sup>3</sup>. No Brasil as atividades da primeira ONG Homossexual inicia-se em 1978, o grupo SOMOS (Grupo de Afirmação Homossexual). O SOMOS lutou ativamente contra a discriminação tanto de minorias sexuais como étnicas<sup>4</sup>. A militância alicerçou sua busca pelo reconhecimento da união civil entre pessoas do mesmo sexo baseado no fato da separação entre Igreja e Estado que culminou na queda do casamento religioso como único reconhecido, para se instaurar então o casamento civil na primeira e na segunda Constituição de 1891, em seu parágrafo 4º do artigo 72<sup>5</sup>.

Contudo, um efeito colateral foi aparecendo dentro da militância homossexual: um estereótipo homossexual que só incluía gays e lésbicas. Essa tendência de centrar a militância em favor dos gays e lésbicas ficou claro na sigla que por muitos anos representou o movimento, conhecido como GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Entretanto, enquanto os anos avançavam, paralelamente à militância homossexual foi surgindo uma constelação de novas sexualidades que não se enquadravam nessa classificação. É o caso dos bissexuais, transexuais e travestis, entre outros.

A política de identidade homossexual estava em crise e revelava suas fraturas e insuficiências e a agenda da militância então se dividiu. Em uma parte, a militância por direitos jurídicos continua, e em outra parte vemos o esforço de teóricos para elaborar toda uma nova concepção de sexualidade humana conhecida como “Ideologia de Gênero”. Estamos falando do Movimento Queer. Em fevereiro de 1990, Teresa de Lauretis cunhou a denominação “Teoria Queer” para designar a tarefa que um conjunto de pesquisadores desenvolvia em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero<sup>6</sup>. O termo “queer”, do inglês, pode ser traduzido por “estranho”, “ridículo”, “excêntrico”, “raro”, “extraordinário”. Entretanto, esse termo também é usado coloquialmente de maneira pejorativa, dirigida a homens homossexuais nos Estados Unidos<sup>7</sup> e foi escolhido para dar nome ao movimento de ideologia de gênero nos EUA.

A teoria Queer é resultado das multi sexualidades descortinadas na pós-modernidade, sexualidades essas que já não cabiam mais no discurso GLS. Os teóricos Queer foram buscar recursos na história da sexualidade de Foucault e na influência do Pós-Estruturalismo francês. A base da construção teórica Queer é a visão foucaultiana da sexualidade, que revela que no centro do controle da sexualidade está o “binarismo”.<sup>8</sup>

<sup>1</sup> OLIVEIRA, T. L. *Teoria Queer e estigma: a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida* – Tese de Doutorado, Departamento de Letras. PUC Rio de Janeiro: 2006, p.31,32

<sup>2</sup> NUNES, Eliana; RAMOS, Kátia Perez. *Homossexualidade humana: estudos na área da Biologia e da Psicologia*. INTELLECTUS – Revista Acadêmica Digital do Grupo POLIS Educacional – ISSN 1679-8902, p.3

<sup>3</sup>SANTOS, Ana Cristina. Dos direitos humanos aos direitos das minorias sexuais: Regulação ou emancipação? Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia/ Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção/ Atelier: Corpo e Sexualidade, p.2

<sup>4</sup> SANTOS, Ana Cristina. Dos direitos humanos aos direitos das minorias sexuais: Regulação ou emancipação? Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia/ Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção/ Atelier: Corpo e Sexualidade, p.3.

<sup>5</sup> PEREIRA, Rodrigo da Cunha. *Direito de família: uma abordagem psicanalítica*. 3ª ed, Belo Horizonte: Del Rey, 2003, p. 7.

<sup>6</sup> MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normatização*. Sem data, p.2

<sup>7</sup> TAVARES, Talita Leite. *Teoria Queer: Contribuições nas questões de gênero*. II Seminário Nacional – Gênero e práticas Culturais/ Culturais, leituras e representações, p.2

<sup>8</sup> MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normatização*. Sem data, p.3.

O binarismo é o jogo de oposição entre pares (homem/mulher, menino/menina, heterossexual/homossexual) em que se constrói sujeitos e práticas normais ao mesmo tempo em que se institui sujeitos e práticas anormais. A partir dessa perspectiva os teóricos Queer perceberam que o discurso homossexual estava se apoiando na heterossexualidade para existir: ser homossexual era ser “não heterossexual”. O que os militantes passaram a perceber é que por outro lado, essa posição acirrava a heterossexualidade como efeito colateral. Recentemente o Vereador Carlos Apolinário (DEM), da Câmara Municipal de São Paulo, propôs a criação do Dia do Orgulho Heterossexual, mostrando a tendência de um enrijecimento por parte do discurso heterossexual que é de certa forma afirmado pela própria militância homossexual.

Dessa forma, a teoria Queer parte do princípio bem visualizado por Seidman, de que “permanece intocado o binarismo heterossexual/homossexual como a referência mestra para a construção do eu, do conhecimento sexual e das instituições sociais”.<sup>9</sup> Essa percepção de que a política de identidade homossexual estava se tornando cúmplice do sistema contra o qual ela pretendia lutar levou um grupo de teóricos a uma nova agenda: a construção de uma política pós-identitária. O objetivo dessa nova agenda não é mais defender o estilo de vida homossexual, baseado no binarismo heterossexual/homossexual, mas sim desacreditar o próprio binarismo em si.<sup>10</sup> Ao invés de uma afirmação da identidade homossexual, o novo rumo da militância seria destruir a o binarismo que está na raiz e que organiza as práticas sociais.

Ou seja: o alvo é atacar a distinção entre gêneros na sua raiz, matando assim todas as categorias que sustentam qualquer distinção de gênero e portanto qualquer distinção entre hetero ou homossexualidade. Ao derrubar o próprio par binário homem/mulher, o movimento faria o primeiro dominó a cair, derrubando os demais: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. Mas como então derrubar o binarismo vigente?

A resposta seria encontrada no Pós-Estruturalismo francês, tendo como seu grande representante o filósofo Jacques Derrida. Em sua obra, Derrida postula um conjunto de questionamentos que ele mesmo chamou de desconstrutivismo. O desconstrutivismo é a metodologia que Derrida emprega para mostrar que os binarismos não são realidades em si mesmas, mas apenas um método de interpretação da realidade que não é necessariamente absoluta<sup>11</sup>. Derrida começa sua análise mostrando que os binarismos (homem/mulher, bem/malo, certo/errado, verdadeiro/falso e etc.) que estão na base do pensamento ocidental não são mais do que convenções humanas, e portanto não são verdades absolutas.<sup>12</sup> A política Queer reelaborou o desconstrutivismo de Derrida a partir de suas necessidades para questionar a validade do binarismo heterossexualidade/ homossexualidade, tão marcante na cultura ocidental. A agenda teórica tinha se movido da luta pela categoria “homossexual” para o questionamento das próprias categorias, passando a lutar para a criação de uma cultura onde a noção de identidade binária fosse substituída por outra, pós-identitária.

Uma das mais importantes teóricas que aplicou o construtivismo ao discurso Queer foi Judith Butler. Butler, seguindo de perto Foucault, constata que a sociedade tenta normatizar a sexualidade de seus indivíduos reafirmando insistentemente suas normas sobre eles.<sup>13</sup> A teoria Queer pretende mostrar como o binarismo é inconsistente e coloca em xeque as categorias ao desmontar o binarismo. Esta seria a porta de entrada para desconstruir e perturba as formas convencionais de sexualidade, dando assim abertura para uma nova sexualidade que seja multiforme.

A teoria Queer é em essência a Ideologia de Gênero que tem chegado ao Brasil nas últimas décadas. Uma das agendas da Ideologia de Gênero é desconstruir as noções de masculino e feminino desde a educação fundamental, na qual meninos e meninas teriam o direito de escolher livremente seu gênero. A questão do uso do banheiro é apenas uma das implicações mais práticas. As pessoas deveriam ser livres de estereótipos como “ser homem” ou “ser mulher”. O desejo poderia ser livre de normatizações e se efetivar em múltiplas direções, numa sexualidade polimorfa, voltado para o prazer e consumado na energia dirigida a múltiplas dimensões da existência<sup>14</sup>. Virginia Ramey Mollenkott, em seu livro “*Omnigender: a trans-religious approach*”, de 2001, esclarece os ideais queer em termos de “outra sexualidade”, composta de todos os estilos eróticos possíveis, sem qualquer hierarquia. Mollenkott ilustra essa sexualidade polimorfa listando várias sexualidades, reconhecendo que sua listagem não é exaustiva: intersexuais ou hermafroditas, transexuais, drag queens e kings (travestis), heterossexuais, homossexuais, bissexuais, auto-eróticos, assexuais, pansexuais, pedófilos, sadomasoquistas e pessoas que praticam sexo grupal, com trocas de casais e etc<sup>15</sup>.

Futuramente, a perspectiva das multi- sexualidades apontam para um retorno ao passado. June Singer, escrevendo em 1977, diante da grande alavancada da militância homossexual nos Estados Unidos, publica uma obra na qual faz considerações sobre o futuro da sexualidade ocidental, obra essa intitulada *Androginia: em direção a uma nova teoria acerca da sexualidade*<sup>16</sup>. Nessa obra, Singer avalia que a sexualidade do futuro será sem limites, de maneira que a liberdade da heterossexualidade vai gerar uma geração de seres andróginos, remontando ao conceito de Platão. O andrógino, homem e mulher ao mesmo tempo, no mesmo corpo, em uma só pessoa, seres que não estão presos ao binarismo, mas que são ambos os opostos ao mesmo tempo, seres totais em quem a sexualidade é universal<sup>17</sup>.

<sup>9</sup> APUD LOURO, Guacira Lopes. *Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação*. Estudos feministas – Ano 9 : 2º Semestre: 2001, p.541

<sup>10</sup> Idem, p. 549

<sup>11</sup> LEAL, Edilene M. De Carvalho. *Desconstrução e/ou destruição do logocentrismo*: Jacques Derrida e Martin Heidegger. V. 3 – N. 2 – p. 04-17. São Cristóvão: jan-jun 2010, p.12

<sup>12</sup> DERRIDA, J. “Gramatologia” São Paulo: Perspectiva, 2006, p.41

<sup>13</sup> BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 154

<sup>14</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação*. Estudos feministas – Ano 9 : 2º Semestre: 2001, p.551.

<sup>15</sup> JONES, Peter. *O Deus do Sexo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.52

<sup>16</sup> SINGER, June. *Androginia: Rumo a uma Nova Teoria da Sexualidade*. São Paulo: Editora Cultrix, 1990 (1976)

<sup>17</sup> JONES, Peter. *O Deus do Sexo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.44